

Crônicas do *Inferno*

Carlos Torres-Marchal

Resumo

São analisadas as últimas duas estrofes da primeira edição (Nova Iorque, 1877) do *Inferno de WallStreet*, de Joaquim de Sousândrade, com base em publicações disponíveis na época em que o autor morou em Nova Iorque e redigiu o texto em pauta. Referências à obra e vida do autor são também empregadas para colocar o material no seu contexto histórico. A análise mostra a complexidade na elaboração do *Inferno*, que vai muito além do caráter caótico e de *nonsense*, freqüentemente associado à obra de Sousândrade.

Abstract

The last two stanzas of the first edition (New York, 1877) of the *Wall Street Inferno* by Joaquim de Sousândrade are analyzed. Extensive use is made of publications available to the author when he resided in New York and wrote these texts. References to the life and work of the poet are presented to place the material in its appropriate historical context. The analysis shows the complex structure underlying the making of the *Inferno*, far beyond the chaotic and nonsensical character frequently associated with the work of Sousândrade.

(Feiticeiros de Macbeth e vidente Foster em Walpurgis de dia :)

— *When the battle's lost and won* —
— *That will be ere the set of sun* —
— *Puddock calls : Anon !* —
— *Fair is foul, and foul is fair :*
Hover through the fog and filthy air !

(Ao fragor de Jerichó encalha Hendrick Hudson; os Indios vendem aos Holandezes a ilha de Manhattan malasecoteada :)

— A Meia-Lua, proa p'ra China,
Está crenando em Tappan-Zee . . .
Hoogh moghende Heeren . . .
Pois tirem
Por *guildens sessenta . . . Yea ! Yea !*

Sousândrade Guesa Errante (1877)

I - Introdução

O chamado *Inferno de Wall Street* é, sem dúvida, o trecho mais famoso da obra do poeta maranhense Sousândrade, ao ponto de quase ter ganho vida autônoma, como já foi apontado.¹ Isto é devido, em grande parte, à publicação de uma separata do trecho em questão, sem referência a *O Guesa*, obra da qual foi originalmente extraída, como pode ser visto pela capa da edição de 1964.² (Ver Figura 1. abaixo).

O equívoco foi generalizando-se ao ponto de o *Inferno de Wall Street* ter sido considerado como o segundo poema mais importante do século XX, na avaliação de um painel de poetas e críticos literários convocado por um jornal de circulação nacional.³

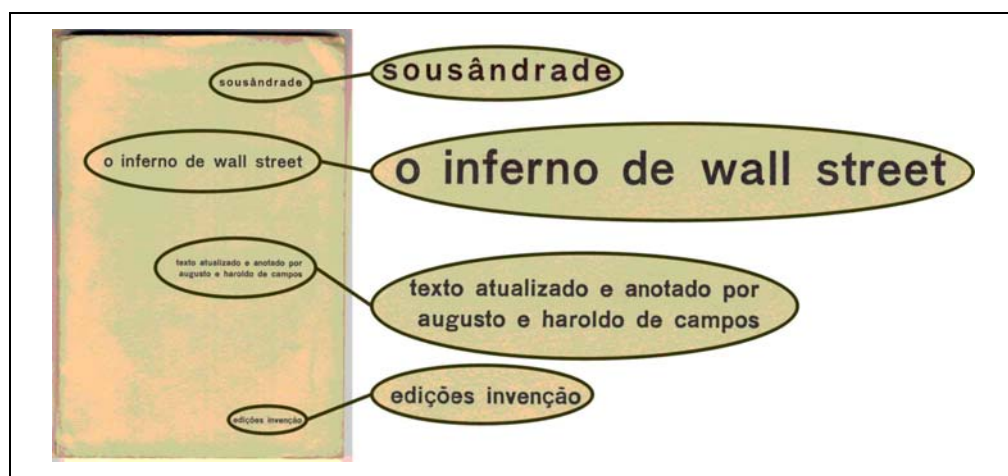


Figura 1.

O Inferno de Wall Street (1964)

Na edição de 1876 de *Guesa Errante*, Sousândrade escreve: “o poema há de ser no fim acompanhado do seu mapa histórico e geográfico” e na *Memorabilia* da edição de 1877, que contém a primeira versão do *Inferno*, lemos: “O Autor conservou nomes próprios tirados á maior parte de jornais de New York e sob a impressão que produziam.” De fato, uma das maiores dificuldades na compreensão do *Inferno de Wall Street* é a constante referência a pessoas e eventos da *petite histoire* de Nova Iorque na década de



1870. Algumas personagens, como o presidente Grant e Dom Pedro II, são facilmente identificáveis, mesmo se os episódios aludidos não sejam de conhecimento público; outras requerem consultas a obras especializadas. A maioria só teve direito a seus *warholianos* quinze minutos de fama nos jornais da época e foi rapidamente esquecida. Acrescente-se a isto personagens diferentes identificadas pelo mesmo sobrenome (p. ex.: Smith, Atkinson) ou sobrenomes (como Foster) mencionados apenas na didascália. Esses textos explicativos, que antecedem a maioria das estrofes do *Inferno*, são chamados *títulos* pelo autor, e atuam como verdadeiras manchetes de jornal na sua concisão. Até a composição gráfica destes *títulos* no *Inferno* e o uso de nomes próprios em versalete lembram uma prática comum nos jornais da época. Ver reprodução abaixo:

SCIENTIFIC SHIN-KICKING.
A BRUTAL CORNISH SPORT—FIGHT BETWEEN
MINERS IN A NEW-JERSEY DEN.
PHILADELPHIA, Jan. 12.—A purring-match

O presente trabalho toma estes *títulos* e os versos das estrofes correspondentes do *Inferno* para elaborar textos que permitam resgatar a impressão que os textos produziam na população nova-iorquina na época que foram publicados. Assim, as estrofes selecionadas permitem conhecer alguns aspectos da realidade vivida por Sousândrade nos Estados Unidos, os assuntos que o interessavam e a técnica empregada na feitura de *O Guesa*.

Existem duas versões do *Inferno de Wall Street*: a que faz parte do Canto VIII de *Guesa Errante* (Nova Iorque, 1877) com 106 estrofes, e a do Canto X de *O Guesa* (Londres, c. 1886), que contém um total de 176 estrofes. Das 70 novas estrofes desta edição, 67 são apostas ao final do texto da edição nova-iorquina e três estão intercaladas entre estrofes já existentes. As diferenças entre as estrofes comuns às duas edições são principalmente correções ortográficas. Além destas correções, Sousândrade produziu três folhas independentes de *errata* (uma da primeira edição e duas da segunda). É válido supor que os erros não corrigidos (após quatro instâncias de revisão, incluindo as *errata*) podem ocultar um código ou segunda intenção do autor.

O *Inferno de Wall Street* inicia com o *guesa*, vítima ritual dos índios muíscas da Colômbia e personificação de Sousândrade, fugindo de seus perseguidores e derrubando a muralha outrora localizada em Wall Street (literalmente, Rua da muralha), proteção do assentamento holandês de Nova Amsterdam contra ataques dos índios. A estacada



nova-iorquina rui como a bíblica muralha de Jericó pela força divina que apóia o guesa, e este se encontra então na moderna Wall Street, centro financeiro da Nova Iorque, comparado por Sousândrade a um inferno. Ainda na primeira estrofe do trecho, o Guesa lembra visitantes do inferno no passado (Orfeu, Virgílio, Dante) e invoca a orientação do místico sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772), precursor do espiritualismo, o primeiro a identificar os espíritos com as almas de mulheres e homens.⁴

As duas últimas estrofes da edição nova-iorquina do *Inferno de Wall Street* retomam dois temas abordados na primeira estrofe: o sobrenatural, com personagens históricas – o vidente Charles H. Foster – e literárias – as feiticeiras de Macbeth e as *Walpurgisnächte* de Goethe – e a exploração dos índios pelos europeus (a compra da ilha de Manhattan por Hendrick Hudson). Na edição londrina foi intercalada entre ambas uma terceira estrofe em que Swedenborg responde a pergunta feita na primeira estrofe sobre a existência de mundos futuros.

II – Macbeth e Charles H. Foster

A penúltima estrofe na versão nova-iorquina do *Inferno* e a correspondente na edição londrina são:

p. 261 (Nova Iorque, 1877) – Versão facsimilar

(Feiticeiras de Macbeth e vidente Foster em Walpurgis de dia:)

— *When the battle's lost and won* —
— *That will be ere the set of sun* —
— *Puddock calls: Anon!* —
— *Fair is foul, and foul is fair:*
Hover through the fog and filthy air!

p. 248 (Londres, c. 1886) – Versão facsimilar

(Feiticeiras de KING-ARTHUR e vidente FOSTER em
WALPURGIS de dia:)

— *When the battle's lost and won* —
— *That will be ere the set of sun* —
— *Puddock calls: Anon!* —
— *Fair is foul, and foul is fair:*
Hover through the fog and filthy air!

As mudanças na segunda versão são: uso de versalete nos nomes próprios do *título*, substituição de *Macbeth* por *KING-ARTHUR* e correção de *Puddock* por *Paddock* (na errata).



Os versos da estrofe acima, em tradução livre:

— *Quando a batalha estiver perdida e ganha* —
 — *Será antes do pôr-do-sol* —
 — *O sapo reclama por nós: Vamos logo!* —
 — *O belo é feio, e o feio, belo:*
Pairemos pela névoa e o ar impuro.

Os textos reproduzidos por Sousândrade correspondem a versos da primeira cena no Ato I da tragédia *Macbeth* de Shakespeare. Nela, as *três irmãs* acertam o encontro com Macbeth para profetizar que ele será rei. Elas reaparecerão no Quarto Ato para profetizar a queda de Macbeth. Alguns versos foram omitidos e as falas em *O Guesa*, indicadas pelos travessões, não correspondem às de uma única bruxa na peça. O texto completo da primeira cena,⁵ no original e em tradução livre, é apresentado abaixo. Os diálogos na estrofe de *O Guesa* estão indicados em negrito.

Act the First Scene I The open Country. Thunder and Lightning Three WITCHES discovered.		Primeiro Ato Cena I Um campo aberto. Trovões e relâmpagos Entram três bruxas	
1 Witch:	When shall we three meet again In thunder, lightning, or in rain ?	Bruxa 1.	Quando estaremos outra vez reunidas Em meio a trovões, relâmpagos ou chuva ?
2 Witch.	When the hurly-burly's done, When the battle's lost and won.	Bruxa 2.	Quando a calma reinar novamente Quando a batalha estiver perdida e ganha.
3 Witch.	<i>That will be ere th' set of sun.</i>	Bruxa 3.	<i>Será antes do pôr-do-sol</i>
1 Witch.	Where the place ?	Bruxa 1.	Onde será ?
2 Witch.	Upon the heath.	Bruxa 2.	No ermo.
3 Witch.	There to meet with —	Bruxa 3.	Lá encontraremos —
1 Witch.	Whom ?	Bruxa 1.	Quem ?
2 Witch.	Macbeth. [Noise of a Cat.	Bruxa 2.	Macbeth [Miado de um gato.
1 Witch.	I come, Gray-malkin. [Noise of a Toad.	Bruxa 1.	Estou indo, bichano [Coaxar de um sapo.
2 Witch.	Paddock calls. Anon.	Bruxa 2.	O sapo reclama por nós. Vamos logo.
All	<i>Fair is foul, and foul is fair : Hover through the fog and filthv air.</i>	Todas	<i>O belo é feio, e o feio, belo: Pairemos pela névoa e o ar impuro.</i>
Thunder and Lightning. — Exeunt severally.		Trovões e Relâmpagos — Saem todas	

A escolha dos versos realça o *cara-ou-coroa* metafísico ou a reversibilidade de valores característica da peça (quando a batalha estiver perdida e ganha; o belo é feio, e o feio, belo, etc.).⁶ “*Antes do pôr-do-sol*” justifica o “*Walpurgis de dia*” do *título*, de que falaremos adiante. A presença de gatos e sapos reforça o imaginário popular sobre bruxaria.

A curiosa escolha de versos misturando falas de várias personagens faz a nossa atenção voltar ao *vidente Foster* do *título*. Esta personagem já foi identificada como o abolicionista radical norte-americano Stephen Symonds Foster (1809 – 1881). A referência, porém, não menciona os motivos que levaram a essa identificação.⁷ É mais provável tratar-se de Charles H. Foster (1838 – 1883), conhecido como *The Salem Seer* (o vidente de Salém, sua cidade natal). A associação de *Salem* com a histeria e os julgamentos por feitiçaria lá realizados em 1692 reforçam o caráter sobrenatural da estrofe.



Charles H Foster
(1838 – 1883)

A biografia de Foster, escrita por seu secretário particular, chega a afirmar, com evidente exagero, que Foster foi “o maior médium espiritual desde Swedenborg”.⁸ O julgamento de seus contemporâneos não foi tão benévolo. Desde 1862, quando Foster, então com 24 anos, já ganhava muito dinheiro com demonstrações de mediunidade, suas habilidades eram contestadas.⁹ Várias denúncias de fraude contra ele foram feitas^{10, 11} o que não impediu que viajasse pela Inglaterra e pela França e chegasse até a Austrália fazendo apresentações mediúnicas. Faleceu em 1885 na sua cidade natal. Nos últimos cinco anos de sua vida perdeu a lucidez mental devido, segundo uma fonte,¹² às mortes de sua esposa e filho e a um ataque de “febre cerebral”. Outra fonte culpa o alcoolismo, acrescentando que Foster morreu em consequência de um *delirium tremens*.¹³

Aparentemente Foster possuía realmente habilidades mediúnicas, reconhecidas no seu obituário, que eram *suplementadas* com truques baratos de mágica e prestidigitação. Uma de suas demonstrações mais populares era a “leitura de bolinhas de papel”. As pessoas presentes na sessão escreviam o nome de uma pessoa falecida num pedaço de papel, o qual era amarrotado até formar uma pequena bola e entregue ao médium, que, no decorrer da sessão, adivinhava os nomes neles escritos. Em pelo menos uma ocasião,



descobriu-se que as bolinhas de papel com os nomes tinham sido substituídas e estavam em branco. Outro truque de Foster era fazer nomes de pessoas falecidas aparecerem escritos sobre a pele de seu braço em linhas vermelhas. Seus críticos argumentavam que, estranhamente, isso só acontecia no braço esquerdo do médium e que a caligrafia de todos os espíritos apresentava uma grande semelhança com a do próprio vidente.

Outra demonstração mediúnicamente que remete a nossa atenção a Sousândrade era o contato com grandes autores. Estabelecido o contato através do médium, um membro da audiência enunciava um verso de uma obra escrita pelo autor que então psicografava os versos seguintes. Numa destas manifestações reproduzida na biografia de Foster e transcrita de reportagem jornalística da década de 1870,¹⁴ o médium incorpora o espírito de Cervantes, de quem são solicitados os “versos finais do poema do segundo capítulo de *Don Quijote de la Mancha*, que inicia com: ‘Nunca [sic] fuera caballero’ ... Imediatamente foram escritos os versos seguintes: ‘De damas tan bien servido como fuera Lanzarote cuando de Brentano [sic] vino’.

Este exemplo é de especial interesse na presente análise porque acompanha exatamente o esquema da estrofe de Sousândrade, num diálogo indicado pelos travessões: um verso de *Macbeth* é respondido pelo(s) imediatamente posterior (es), sem importar se correspondem a um ou mais personagens. Há sem dúvida um elemento de ironia neste diálogo totalmente fora de contexto.

A ironia maior nesta demonstração de Foster, porém, é que a resposta está errada: a resposta correta sobre o poema do Capítulo II do Quixote é:

— Nunca fuera caballero
de damas tan bien servido.
como fuera don Quijote
cuando de su aldea vino.
doncellas curaban dél,
princesas del su rocín

em que D. Quixote parodia o poema *Lanzarote y el Orguloso*, um dos mais conhecidos poemas arturianos do Cancioneiro ibérico. A versão da reportagem, a que Foster se refere, e que é transcrita a seguir, está no décimo - terceiro (e não no segundo) capítulo da Primeira Parte do Quixote:



Nunca fuera caballero
de damas tan bien servido
como fuera Lanzarote
cuando de Bretaña vino

A referência a Lanzarote, nome em espanhol de Lancelot do Lago, pode explicar a mudança realizada na edição londrina de “O Guesa”, em que Sousândrade troca as *feiticeiras de Macbeth* por *feiticeiras de KING-ARTHUR* (rei Artur). A referência pode também ser uma alusão ao poema *The Passing of Arthur (A morte de Artur, 1869)* de *Os Idílios do Rei*, obra de Lord Tennyson sobre o rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. No poema, três *rainhas sombrias* levam o esquife com o corpo de Artur. As mesmas rainhas (entre as quais a Fada Morgana ou *Morgan Le Fey*) são conhecidas como *rainhas feiticeiras* na literatura arturiana. Os *Idílios do Rei* foi, em grande parte, responsável pelo resgate do rei Artur e a sua popularidade, que dura até os nossos dias.

A referência a *Walpurgis de dia* poderia ser uma referência ao Primeiro de Maio, dia de Santa Walpurga, freira e missionária inglesa que fundou vários monastérios na Alemanha no século VIII. Seu nome foi confundido com o de Waldburg, deusa pré-cristã da fertilidade,¹⁵ e a véspera da sua festa, 30 de abril, passou a ser associada na Idade Média a rituais de bruxaria, coincidindo com o final do inverno e a mudança do gado para as pastagens. O primeiro dia de maio também está ligado a celebrações mais inocentes, como refere Sousândrade em *O Guesa*:

O infantil povo, luz na face e rosas,
Anda a rainha de mayo coroando ;
Leves frechas pelo ar voam, as môças
O arco, amazeo o garbo, recurvando.¹⁶

Uma associação mais provável de *Walpurgis de dia* é a referência às duas *noites de Walpurgis (Walpurgisnächte)* no *Fausto* de Goethe: o sabá satânico no monte Brocken, na primeira parte, e a *Noite de Walpurgis Clássica* na planície de Farsália na segunda. É significativo que os dois episódios sobre *Walpurgis* sejam mencionados nas estrofes imediatamente anteriores ao início do *Inferno*, reproduzidas abaixo da edição novaiorquina de 1877.



Romanticos vos vi, noite bailando
Do Brocken no Amazona¹⁷ antigamente ;
Heis classica Pharsalia em dia algente
No Hudson. Pára o Guesa perlustrando.

Bebe á taberna ás sombras da muralha,
Malsolida talvez, de Jerichó,
Defeza¹⁸ contra o Indio—E s'escangalha
De Wall-Street ao ruir toda New-York :¹⁹

Há outras referências às *Walpurgisnächte* no *Inferno*:

—Do Guesa a Pharsalia explorada,²⁰

ou, mais explicitamente:

Treva é a matinée de Pharsalia,
Wolfgang, e que tanto custou !
Nem poema preclaro,
Mais caro
Que o Guesa, insolvavel se achou !²¹

No *título* da última estrofe da edição londrina do *Inferno* é novamente citada a Farsália, presumivelmente em referência à *Noite de Walpurgis Clássica*.

Magnético handle-organ ; ring d'ursos sentenciando
á pena-última o architecto da PHARSALIA ;²²

A menção das *Noites de Walpurgis* (ou, melhor, de *Walpurgis de dia*) imediatamente antes do início das duas versões existentes do *Inferno* (Nova Iorque, 1877 e Londres c. 1886) e, novamente, nas estrofes de fechamento das duas edições, não parece ser uma simples coincidência. Uma possível explicação está nas *Conversações com Goethe*, em que este declara a primeira *Noite de Walpurgis* ser monárquica e a segunda, republicana:²³



Diz Goethe:

*A velha noite de Walpurgis é monárquica, na medida em que o demônio é nela respeitado como chefe. Mas a noite de Walpurgis clássica é republicana; todos estão juntos numa planície e se destacam tanto quanto qualquer um dos presentes. Ninguém é subordinado ou importunado pelos outros.*²⁴

Nas estrofes que antecedem o início do *Inferno*, reproduzidas acima, Sousândrade associa o Amazonas à *Walpurgisnacht* monárquica (*Do Brocken no Amazona antigamente;*) e o rio Hudson à republicana (*Heis classica Pharsalia em dia algente / No Hudson.*).

É amplamente sabido que Sousândrade era um republicano convicto: mais especificamente, era inimigo figadal de Dom Pedro II, desde que este recusou conceder-lhe uma bolsa para estudar na França. As críticas pessoais, abertas e veladas, contra Dom Pedro no *Inferno* são numerosas. Seu detalhamento excede o escopo do presente trabalho.

A interpretação “republicana” da *Noite de Walpurgis Clássica*, proposta pelo próprio Goethe, é também abraçada por Sousândrade. Na versão londrina, o primeiro verso após a estrofe ora em análise, na qual Swedenborg responde à pergunta feita na primeira estrofe do *Inferno* – Há mundo porvir? – é

*Há mundos futuros: república*²⁵

Lembremos ainda que, no Quarto Ato de *Macbeth*, as bruxas profetizam a queda de Macbeth em circunstâncias improváveis. Macbeth interpreta a predição como prova da sua invencibilidade.

O tema da queda de Dom Pedro II é tema recorrente na obra de Sousândrade, freqüentemente, relacionado com o relato bíblico da profecia na parede do palácio do rei Baltazar (ou Belsazar) de Babilônia: *Mané-Tessél-Farés* (*mene, mene, tekel, upharsin* em outras versões). Esta mensagem foi decifrada pelo profeta Daniel, que vaticinou a queda do rei, como relatado na Bíblia.²⁶ Sousândrade escreve:

*Festins de Balthazar é toda a terra;
Riem-se os ebrios á sentença que erra
Em chammas pelo ar . . .*²⁷



Daniel amostra
As impressões fataes
Ao assombrado cónviva :28

Eis que o assalta a verdade
O Órfão Guesa ante a vã Majestade,
E o viu São Cristóvão nos muros traçar
*“Maneh — Tessel — Farés.”*29

*Há muitos anos um aspirante de Medicina tinha saído chorando dessa mesma Escola [de Medicina do Rio de Janeiro] para ir escrever nas muralhas de S. Cristóvão o – mané, tecel, fares de Baltasar.*30 31

O cruzamento das duas últimas citações confirma que Sousândrade foi *aspirante de medicina* (provavelmente em 1853) no Rio de Janeiro. Frustrado nas suas intenções vaticinou a queda do Império.

III – Henry Hudson e Pieter Schaghen

A última estrofe do *Inferno* na edição nova-iorquina e a correspondente na edição definitiva (Londres, c. 1886) são reproduzidas abaixo:

p. 261 (Nova Iorque, 1877) – Versão facsimilar

(Ao fragor de Jerichó encalha Hendrick Hudson; os Indios vendem aos Holandezes a ilha de Manhattan malassombrada:)

—A Meia-Lua, proa p'ra China,
Está crenando em Tappan-Zee...
Hoogh moghende Heeren...
Pois tirem
Por *guildens* sessenta... *Yea! Yea!*

p. 248 (Londres, c. 1886) – Versão facsimilar

(Ao fragor de JERICHO encalha HENDRICK-HUDSON;
OS INDIOS vendem aos HOLLANDEZES a ilha de MAN-
HATTAN malassombrada:)

—A Meia-Lua, proa p'ra China,
Está crenando em Tappan-Zee...
Hoogh moghende Heeren...
Pois tirem
Por *guildens* sessenta... *Yea! Yea!*



Excetuando o uso de versalete para os nomes próprios na edição londrina, ambas as versões são idênticas.

A estrofe aparentemente faz referência a dois episódios da origem européia de Nova Iorque: a exploração, pelo navegante Henry Hudson, do rio que hoje leva seu nome e a compra da ilha de Manhattan aos índios pelos holandeses em 1626. O toque sobrenatural fica por conta do adjetivo *mal-assombrada* com que é descrita a ilha de Manhattan.

O *título* inicia lembrando a queda da muralha de Jericó, mencionada na estrofe imediatamente anterior ao início do Inferno, e discutida na introdução do presente trabalho:

*Bebe á taberna ás sombras da muralha,
Malsolida talvez, de Jerichó,
Defeza³² contra o Indio—E s'escangalha
De Wall-Street ao ruir toda New-York :³³*

Vimos como o índio-guesa derruba com a ajuda divina a paliçada que protegia a Nova Amsterdam holandesa e, numa deformação do espaço-tempo, encontra-se no mesmo lugar, dois séculos depois, na rua *Wall Street*, assim chamada em lembrança da muralha de outrora. Sentindo-se seguro de seus perseguidores, ingressa então na Bolsa de Valores de Nova Iorque onde é ludibriado pelos operadores.

Numa outra distorção do espaço-tempo, no início da última estrofe nova-iorquina do *Inferno*, o estrondo da queda da muralha derribada pelo índio detém e faz encalhar o navio do explorador Henry Hudson. No verso seguinte o índio é ludibriado pelos holandeses a vender a ilha de Manhattan por sessenta florins (ou vinte-e-quatro dólares – na conversão imutável que perpetua o caráter icônico da transação até os nossos dias). Comprova-se assim o estreito paralelo entre as estrofes inicial e final na versão nova-iorquina do *Inferno*.

Uma análise mais detida da estrofe fornece outras informações sobre o método de trabalho de Sousândrade.

Hendrick Hudson, ou Henry Hudson, foi um navegador e explorador inglês do século XVII que, em quatro viagens históricas, tentou achar uma rota para a China pelo



Oceano Ártico. Nas duas primeiras viagens, em 1607 e 1608, tentou, sem sucesso, achar uma passagem pelo norte da Rússia. Na terceira, em 1609, tentou pela terceira vez a passagem pelo nordeste europeu. Impedido de continuar na rota prevista por fortes ventos ignorou as instruções de voltar à Holanda e tentou achar a passagem noroeste para o Oceano Pacífico através do Atlântico, nos 40 graus de latitude. Chegando às costas da América do Norte, explorou os rios hoje conhecidos como Delaware e Hudson, antes de retornar à Europa. Sousândrade usa a grafia holandesa no nome de Henry Hudson (chamando-o Hendrick), lembrando que Hudson estava nessa viagem navegando sob contrato com a Companhia Holandesa das Índias Orientais. Na sua última viagem (1610-11), Hudson tentou novamente achar a passagem para a China, desta vez pelo norte do Canadá. Após um motim a bordo, foi abandonado com seu filho e alguns marujos num bote, na baía que hoje leva seu nome. Os corpos nunca foram achados, mas acredita-se que tenha falecido pouco tempo depois de ter sido abandonado.

Na viagem de exploração do rio que hoje leva o seu nome, a bordo do “Meia Lua”, Hudson navegou uns 240 quilômetros rio acima até ficar convencido que não havia a procurada passagem para o Oceano Pacífico.

No início do *título*, Sousândrade menciona o encalhe do *Meia Lua*. O relato da viagem feito pelo imediato Robert Juet,³⁴ menciona que, em várias oportunidades, quando ainda perto da foz do rio, o *Meia Lua* encalhou durante a baixa-mar, tendo que aguardar a maré subir para continuar a navegação. A menção do *Meia Lua, proa p'ra China*, só faz lembrar a missão, que Hudson se impôs, de achar a passagem noroeste para a China, apesar de estar descumprindo as ordens iniciais que previam uma passagem pelo norte da Rússia.

A imagem que se segue, do *Meia Lua crenando em Tappan Zee*, requer alguns comentários. O primeiro é o uso do verbo *crenar* (ou de suas variantes *carenar*, *querenar*), não no sentido de reparar a carena ou as obras vivas de uma embarcação ou, ainda, de tombar (a embarcação) sob a força do vento,³⁵ mas de simples adernamento pelo efeito do vento ou das ondas. *Dar* ou *virar de carena* (inclinando o navio para um dos bordos até expor a carena, geralmente para reparo ou limpeza)³⁶ realça a posição inclinada causada por agente externo, mas não por causas naturais.

Crenar, no sentido de adernar pelo efeito do vento, é um provável empréstimo do inglês, já que o significado mais comum do verbo inglês *careen* (que compartilha a



mesma etimologia com *crenar*, *carenar* e *querenar*) é, justamente, inclinar-se (uma embarcação) por ação do vento.

O relato de Juet sobre a navegação do rio Hudson não faz menção a qualquer conserto da quilha do *Meia Lua* realizado em Tappan Zee, nem de ventos fortes que fariam o barco adernar no rio. Deve-se, contudo, lembrar que o Tappan Zee (Mar dos Tappan – de *Zee*, mar, em holandês, e *Tappan*, nome da tribo que habitava a região), é, junto com a baía de Haverstraw, um dos pontos mais largos do rio Hudson, onde este atinge uma largura de aproximadamente cinco quilômetros; ventos fortes poderiam fazer adernar um navio pequeno como o *Meia Lua*.

Uma coincidência completa com o texto sousandradino ... *encalha Hendrick Hudson ... A Meia-Lua proa para China está crenando em Tappan-Zee* pode ser lido no trecho abaixo:

Nos remansos de Haverstraw e Tappan Zee, [a embarcação] podia ser vista *crenando* quando a noite e a tempestade envolviam o rio na escuridão. Por cima do fragor da tormenta podia ouvir-se a voz do capitão dando ordens em bom baixo-holandês. Alguns sugeriam que era uma aparição sobrenatural; tudo indicava tratar-se de Hendrick Hudson e a tripulação do *Meia Lua*, que, era por todos sabido, encalharam nas cabeceiras do rio quando procuravam uma passagem a noroeste para a China.³⁷

O livro do qual foi tirado este trecho, *Lendas e Poesia do Hudson*³⁸ (1868), foi fonte de inspiração na confecção do Canto *norte-americano* de O Guesa. (o de número VIII na edição nova-iorquina e X, na londrina), como veremos adiante. Apesar de não trazer indicação de autoria é obra de Wallace Bruce, autor de vários guias e livros sobre o rio Hudson.³⁹ Ignora-se o motivo pelo qual Sousândrade deu a este pequeno livro (18 cm e 87 páginas) uma importância que excede seu valor literário ou histórico. É possível que tenha assistido à conferência homônima proferida por Bruce, e ter sido seduzido pela história e tradições de Nova Iorque.

De especial interesse no trecho acima é que ele não se refere à viagem histórica de Hudson, mas à lenda do *Storm-ship*, ou barco da tormenta. Contam que, nos tempos da colônia da Nova Amsterdam em Manhattan, teria entrado na baía de Nova Iorque um navio que toda a população imaginava trazer o carregamento anual desde a Holanda. A população inteira reuniu-se no porto para dar as boas-vindas aos viajantes, mas o navio passou silenciosamente por eles e continuou contra o vento e a maré a remontar o Hudson. Dias, semanas, meses se passaram sem que o misterioso navio retornasse a



Nova Amsterdam. A lenda conclui com relatos de avistamentos do navio, que não seria outro que o *Meia Lua*, em Tappan Zee, rio acima.

Sousândrade refere-se ao *Storm-Ship* em *Guesa Errante*, nos seguintes termos:

*Storm-Ship a grande ave ainda aos luas
Desdobra as largas azas ; ainda á louca
Tormenta, a voz do capitão dos mares
Se ouve á noite mandar, soturna e rouca.⁴⁰*

Que lembram a frase “*Por cima do fragor da tormenta podia ouvir-se a voz do capitão dando ordens*”, citada acima. As *largas asas da grande ave* lembram as *azas longas* do albatroz de Coleridge de que falaremos abaixo.

A referência à lenda do *Storm-Ship* justifica o qualificativo de *mal-assombrada* que recebe a ilha de Manhattan no *título* da estrofe. Seria o espírito de Henry Hudson retornando eternamente a Nova Iorque à procura da passagem para a China. A idéia do viajante condenado a errar eternamente, lembra a lenda do guesa, e também mitos como o do Judeu Errante e obras literárias como a *Rima do Velho Marinheiro* de Coleridge, citados por Sousândrade:

Voa, azas longas, *diomedea-exulans*,
Do ‘velho marinheiro’ em tórno dos mastros,
Coleridge! o de agoiro livido álbattross
Que aumenta aos ermos d’estas solidões! ⁴¹

“Aonde vais, ó Judeu, torvo o semblante,
Da sombra de ti mesmo perseguido? ⁴²

E que importa A Ashavero acenar, negro de poeira,
Que suspirando passa e não aporta, ⁴³

Hebreu sem terra prometida, que ama,
E ao dom dos céus s’enturva e desalegra! ⁴⁴



Uma coincidência notável entre as *Lendas e Poesia do Hudson* e *O Guesa* é a lenda da *Fire-Water* (literalmente água-de-fogo, ou aguardente). Abaixo, reprodução fac-similar da sinopse da lenda do 'Fire-Water', publicada originalmente em 1868:

SYNOPSIS.

LEGENDS AND POETRY OF THE HUDSON.

Search made by the Indian tribes for a fountain of "Fire Water," which, soon after the arrival of the Settlers, they believed to be the cause of the crooked and winding course of the River—Many of the Legends almost buried in the ashes of our Fathers' Firesides.

Mantém esta estória que os índios que povoavam as margens do rio Hudson, após ter tido contato com a aguardente dos holandeses, passaram a acreditar que o curso tortuoso do rio devia-se a uma fonte de aguardente nas nascentes, que o impedia de andar em linha reta. Na busca dessa fonte mágica, todas as fontes, nascentes e regatos nas cabeceiras do rio teriam sido visitados, evidentemente sem sucesso. A estória não resiste a qualquer análise geográfica ou histórica e, de fato, só foi achada, além das *Lendas e Poesia do Hudson*, num guia de viagens pelo rio Hudson, de autoria de Thursty McQuill,⁴⁵ pseudônimo do mesmo Wallace Bruce.⁴⁶ O próprio Bruce, aparentemente convencido da inverossimilhança da lenda, não mais a menciona nos livros sobre o Hudson que publicou posteriormente.⁴⁷ Escreve Bruce, em 1868:

Mas, nas profundezas dos bosques ao norte, perto de algum pouso predileto do 'Grande Espírito', uma fonte do que chamaram 'Fire Water' sempre clara e borbulhante, brotava do chão...⁴⁸

e Sousândrade:

*Ainda os montes escutam sempre-mudos
A musica das aguas que nasceram
De ' Fire-Water ' ao norte ; além profundos
Poisos do 'Grande-Esp'rito'⁴⁹*

O tema da aguardente como símbolo de dominação do índio pelos europeus é um tema caro a Sousândrade. No *Inferno* nova-iorquino o álcool é um dos *Leitmotiven*, justificado por uma etimologia espúria de Manhattan.



A primeira tentativa de determinar a etimologia de Manhattan data de 1817.⁵⁰ Ela derivaria de *Manahachtanienk*, que na língua dos Delaware significa *a ilha onde todos nós ficamos bêbedos*, por ser ali que os índios experimentaram pela primeira vez a aguardente oferecida pelos colonos holandeses. Esta versão era corrente em 1876 quando Sousândrade escrevia o *Inferno*⁵¹ e é ainda citada nos nossos dias.⁵² O erro desta interpretação fica evidente ao examinar mapas espanhóis da região de 1607, portanto anteriores à chegada dos holandeses em que aparecem as grafias *Manahata* e *Manahatan*.⁵³ A versão aceita atualmente indica que *Manhattan* significa *ilha das colinas*.⁵⁴

O interesse de Sousândrade em etimologia e sua inclusão como recurso de composição fica evidente no *Inferno*. Nas referências a Manhattan no *Inferno* há geralmente uma referência a bebidas espirituosas, lembrando a falsa etimologia mencionada acima. Os versos abaixo são da edição londrina:

*Manhattan... vendida... ao rum-Arimã.
Roma-Manhattan / Em rum e em petróleo a inundar... e borracho
'Dos Bêbados'... 'das Marandubas'.../ Miss Manhattan! Dom Maranhão!*

Vimos como, antes de irromper em Wall Street, no início do *Inferno*, o guesa *bebe à taberna às sombras da muralha*. Além dos versos reproduzidos acima o abuso de bebidas espirituosas é lembrado diversas vezes no *Inferno*:

*maridos que só teem gôsto pelo wiskey e a morphina
...
=Temp'rança, cães-gosos /Leprosos !
...
City bell's, ao lager anyhow !*

Até na última estrofe do *Inferno* na edição londrina, há uma referência indireta ao assunto:

—Bear . . . Bear é ber'beri, Bear . . . Bear . . .

O beribéri é uma doença causada por deficiência de vitamina B₁, ou tiamina. Em sociedades modernas é freqüentemente associada ao alcoolismo. No presente caso Sousândrade a relaciona ao urso (*Bear*, em inglês), símbolo do especulador na bolsa de valores.



Retomando as coincidências entre *O Guesa* e as *Lendas e Poesia do Hudson*: Sousândrade escreve, ao falar das montanhas Catskill, visíveis à distância desde o vale do Hudson:

— *Lá, de Anti-O-ra os cumes gloriosos*
Nos véus de azul vapor do firmamento
*S'involvem!*⁵⁵

A grafia *Onti-O-ra* para o suposto nome indígena das Catskills só aparece na obra de Bruce, e até ele mesmo adotou finalmente uma grafia mais aceita – *Ontiora* –. Bruce escreve sobre a “poesia no significado das azuis *Ontioras* ou Montanhas no Céu”,⁵⁶ que lembra os *cumes gloriosos nos véus de azul vapor do firmamento* da citação acima. A grafia *Anti-O-ra* usada por Sousândrade, em que o *O* de *Onti* é mudado em *A*, pode representar uma aproximação a um dos étimos propostos para a cordilheira dos Andes: *Anti*, cobre (*Nas distantes / Eneofibradas cimas quasi-ethereas / Dos Andes*).⁵⁷

Continuando com a análise da estrofe passamos à compra da ilha de Manhattan pelos holandeses:

Os índios vendem aos holandeses a ilha de Manhattan mal-assombrada

...
Hoogh moghende Heeren . . .
Pois tirem
Por *guildens* sessenta . . . *Yea! Yea!*

Muito foi escrito sobre a venda da ilha de Manhattan. Hoje é quase lugar comum afirmar que os holandeses compraram a ilha aos índios que lá moravam, pelo equivalente a 24 dólares, em contas de vidro e quinquilharias. Grande parte desta estória foi inventada e enriquecida ao longo dos anos. O único documento histórico que menciona, e muito brevemente, esta venda, é a carta de Pieter Schaghen (1626) citada por Sousândrade, que começa com a saudação “Hoogh moghende Heeren”, e da qual falaremos a seguir.

A existência desta carta ficou conhecida só em meados do século XIX, como resultado de um projeto de transcrição de documentos históricos sobre Nova Iorque em arquivos europeus dirigido por John Romeyn Brodhead, sobrinho de Harmanus Bleeker,



embaixador dos Estados Unidos na Holanda. A edição e tradução do material ficou por conta de Edmund O’Callaghan, que em 1848 publicou sua História da Nova Holanda, em que menciona a compra da ilha de Manhattan pela “insignificante quantia de 60 florins, ou 24 dólares”.⁵⁸ Uns anos depois, em 1855, Brodhead publicou uma história de Nova Iorque, relatando a venda em termos muito semelhantes: “a ilha de Manhattan foi cedida pelos proprietários nativos à Companhia das Índias Orientais, ‘pelo valor de 60 florins’, ou aproximadamente 24 dólares da nossa moeda atual.”⁵⁹ Anterior a as ambas referências é uma transcrição da carta de Schaghen em holandês e sua tradução para o inglês publicada em 1846, num almanaque, sob o título *Original Purchase of the Island of New York*. (Primeira compra da ilha de Nova-Iorque) sem comentário algum.⁶⁰ Uma lacônica nota de rodapé (\$24) após as palavras *60 guilders* indica o valor da transação. Nenhum destes autores faz referência explícita à carta de Pieter Schaghen. Não é explicada a taxa de conversão utilizada (2,5 florins por dólar). A divulgação oficial da carta de Schaghen com uma tradução para o inglês só aconteceu em 1856 numa *Coleção de documentos coloniais referentes à história do Estado de Nova Iorque*.⁶¹ A importância histórica da carta reside no fato de ser o documento mais antigo da colonização holandesa de Manhattan. A importância da venda como transação que legalizava a propriedade européia nas Américas só viria depois.

É interessante notar que O’Callaghan (1848) cita, na mesma página da venda de Manhattan (a uma taxa de 2,5 florins por dólar), valores de exportações e importações da colônia de Nova Amsterdam em florins e dólares, iguais aos que aparecem na *História do Estado de Nova Iorque* de Moulton (1826),⁶² para os quais é utilizada uma taxa de 2,4 florins por dólar. A conversão pode ter tido como base o teor de prata no florim holandês e o dólar americano. Um teor de 10 g de prata fina por florim (o teor da unidade de conta durante o século XVII variou entre 11,2 e 9,6 gramas),⁶³ comparado com 24,02 gramas de prata no dólar no século XIX equivale a uma taxa de conversão de 2,40 florins por dólar. Já a taxa de 2,5 usada para a conversão no caso da compra da ilha de Manhattan, pode estar relacionada com o dólar imperial holandês (*rijksdaalder*), que valia dois florins e meio, mas não possuía equivalência com o dólar norte-americano. O valor de vinte-e-quatro dólares permanece imutável até hoje, talvez porque os mitos não reconhecem a inflação.

Em torno à única informação documental (60 florins pagos pela ilha de Manhattan), começou a ser tecida uma lenda envolvendo índios fascinados pelos bens oferecidos:



tecidos, contas de vidro, botões, etc. A estória transformou-se num ícone do povoamento europeu do território dos atuais Estados Unidos, recebendo versões cada vez mais elaboradas em obras de referência como as histórias de Nova Iorque de Lamb (1877)⁶⁴ e Wilson (1892).⁶⁵

Os ângulos a partir dos quais tem sido analisada a compra de Manhattan são inúmeros, incluindo o fato de que teria sido um ato legal, uma transação comercial, e não um ato de conquista. Isto daria um ar de respeitabilidade à ocupação européia do continente americano. Por outro lado, argumenta-se que os índios não consideravam a terra como propriedade que podia ser comprada ou vendida. Alguns especulam que os índios que “venderam” a ilha sequer moravam lá, só usando a área como território eventual de caça. Outros, comparando a venda de Manhattan com a de Staten Island, sobre a qual existe documentação, argumentam que os bens recebidos nessa ocasião (punções para feitura de colares de conchas – *wampum* – usados como dinheiro, machados de ferro, anzóis, etc.) eram produtos de alta tecnologia à época e de grande utilidade para os índios e que a troca não teria sido tão desigual.

Em 1875 a rainha Sofia da Holanda declarou que, se os índios tivessem recebido mais do que 60 florins, teriam gasto o excedente em mais aguardente (fire-water) para embebedar-se.⁶⁶ Se o comentário ficou de conhecimento público na época em que foi dito (a referência é de um livro de 1892), a referência à aguardente européia como elemento de degradação do índio, constituiria mais um motivo para Sousândrade ter escolhido o assunto para a última estrofe da edição nova-iorquina do *Inferno*.⁶⁷

Pieter Jans Schaghen, autor da carta que nos ocupa, era diretor da Companhia das Índias Ocidentais e representante dos Estados-Gerais na Comissão dos XIX. Em cinco de novembro de 1626, um dia depois que o navio “Armas de Amsterdam” retornou a Holanda, Schaghen enviou a histórica carta sobre a situação da colônia holandesa em Manhattan, para os Estados-Gerais, reunidos em Haia.⁶⁸

Voltando ao texto do *Inferno*, Sousândrade reproduz a saudação da carta de Schaghen: *Hoogh moghende Heeren* (*altos e poderosos senhores*). Há um erro com relação ao original: a primeira palavra é grafada *Hoogh* em lugar de *Hooghe*. (ver fac-símile abaixo).^{69, 70}



Hooyhe noyhen de Heeren

O mesmo erro aparece no livro *Lendas e Poesia do Hudson*, de Wallace Bruce, reforçando a hipótese de Sousândrade tê-lo usado como fonte na feição do *Inferno*.

O uso do verbo *tirar* aplicado à *venda* de Manhattan, no sentido de usurpar, de tomar ou apossar-se de algo pela força ou sem direito, de modo indevido,⁷¹ deixa clara a opinião de Sousândrade sobre a injustiça da transação.

O uso de *guildens* em vez de florins pode ser considerado um neologismo, já que o plural não corresponde à grafia inglesa (*guilders*) nem holandesa (*guilder*).

A estrofe encerra com as palavras *Yea ! Yea !*, palavra inglesa geralmente usada em votações orais para indicar um voto afirmativo. No presente contexto reforçaria a aprovação do Conselho dos XIX da Companhia das Índias Ocidentais à compra da ilha de Manhattan e a posterior legitimação da transação no imaginário norte-americano. Menos freqüentemente *yea* é usado no início de uma frase para expressar oposição ou objeção,⁷² o que poderia refletir a posição de Sousândrade.

IV – Comentários Finais

Os estudos da obra de Sousândrade têm geralmente privilegiado os aspectos estilísticos e lingüísticos⁷³ ou, ainda, o caráter épico de *O Guesa*.^{74, 75} Estes enfoques, cuja importância não pode ser diminuída, são, porém, pouco úteis para a compreensão dos textos como os que ora apresentamos. As últimas duas estrofes do *Inferno* de Sousândrade (Nova Iorque, 1877) incluem dez versos aparentemente desconexos, escritos em inglês, holandês e português. A interpretação aqui proposta coloca estas estrofes no seu contexto histórico e biográfico, mostrando a sua coerência com o *corpus* sousandradino. Acreditamos ser este o enfoque mais produtivo para a exegese da obra de Sousândrade, e, em particular, das realizações mais herméticas como o *Inferno*, *Novo Éden* e *Harpa de Ouro*. Sousândrade poderia fazer sua a frase do gaúcho Qorpo Santo: *As minhas obras quase só eu as entendo: tantas foram as inutilidades por mim suprimidas!*⁷⁶ O resultado é de tal concisão que só se torna inteligível com o resgate das

fontes usadas pelo autor e das referências de época. Infelizmente este aparente hermetismo tem levado os críticos a postular o *nonsense* como característica fundamental da obra de Sousândrade. Esperamos que o presente trabalho sirva para reconhecer a complexidade subjacente em textos como o *Inferno* de Sousândrade.

Notas

- ¹ Duarte, Sebastião Moreira, *A épica e a época de Sousândrade*, São Luís, Edições AML, 2002, p. 43.
- ² Sousândrade, *o inferno de wall street*: texto atualizado e anotado por augusto e haroldo de campos. São Paulo, edições invenção, 1964. Na folha de rosto aparece a frase: *separata do livro revisão de sousândrade*.
- ³ Caderno Mais!, Folha de São Paulo,]02/01/2000
- ⁴ Torres-Marchal, Carlos, *O Guesa, Emil e Swedenborg no Inferno de Sousândrade*, http://www.centopeia.net/ensaios/45/Carlos_Torres_Marchal/O_guesa,_Emil_e_Swedenborg_no_Inferno_de_Sousândrade/1 [Última consulta: 07/10/2007]
- ⁵ The British Theatre; or a Collection of Plays . . . printed under the authority of the managers from the prompt books. Vol. IV, London, Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1808. Na primeira versão impressa de *Macbeth* as falas dos três últimos versos aparecem como sendo ditas pelas três bruxas. Versões mais modernas, como a presente, fazem de *anon* a última fala da Bruxa 3. Sousândrade pode ter manifestado assim o que entendeu como a intenção original de Shakespeare, ou, mais provavelmente, para manter as rimas da estrofe (*won/sun/anoni; fair/air*), mesmo destoando com a estrutura, semelhante à do *limerick*, adotada nas outras estrofes.
- ⁶ Knights, L.C., *Explanations*, Londres, Chatto & Windus, 1956, pp. 18-19, apud Caldwell, Helen, *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2002, p. 172
- ⁷ Campos, Augusto e Haroldo de, *Re Visão de Sousândrade*, 3ª. ed., São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 413.
- ⁸ Bartlett, George C., *The Salem Seer. Reminiscences of Charles H. Foster*, New York, United States Book Co., 1900.
- ⁹ Barkas, Thomas P., *Outlines of Ten Years' Investigation into the Phenomena of Modern Spiritualism*, London, Frederick Pitman, 1862, p. 111-131.
- ¹⁰ Truesdell, John W., *The bottom facts concerning the science of spiritualism: derived from careful investigations covering a period of twenty-five years...* New York, G.W. Carleton & Co. ; London, S. Low & Co., 1883. **apud** Carrington, Hereward, *The Physical Phenomena of Spiritualism, Fraudulent and Genuine*, Boston, Turner, 1907, pp. 7 – 9.
- ¹¹ *The Spirits*, Boston Daily Globe, 26 de julho de 1873. p. 8
- ¹² *In Spirit Land*. Boston Daily Globe, 17 de dezembro de 1885, p. 3
- ¹³ Foster, Charles H., **in** Shepard, Leslie, *Encyclopedia of Occultism & Parapsychology*, Vol I, p. 343. Gale Research Company, Detroit, 1978.
- ¹⁴ Bartlett, George C., *The Salem Seer. Reminiscences of Charles H. Foster*, New York, United States Book Co., 1900, p. 19.
- ¹⁵ McDonald, Beth E., *The Vampire as Numinous Experience: Spiritual Journeys with the Undead in British and American Literature*, Jefferson (North Carolina) e Londres, McFarland & Company, 2004 p. 113.
- ¹⁶ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886, Canto X, p. 191. A estrofe não consta da edição nova-iorquina.
- ¹⁷ Amazona [sic — Também na ed. londrina – c. 1886]
- ¹⁸ Defesa [na ed. londrina]



- ¹⁹ Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, sem indicação de editor, 1877. pp. 245-46
- ²⁰ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886, Canto X, p. 256.
- ²¹ Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, sem indicação de editor, 1877. pp. 258.
- ²² Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886, Canto X, p. 261.
- ²³ Eckermann, Johann Peter, *Conversations with Goethe in the Last Years of His Life* [S. M. Fuller, trad], Boston, Hilliard, Gray & Co., 1839, p. 371 – Conversação mantida na segunda-feira, 21 de fevereiro de 1832.
- ²⁴ Eckermann, Johann Peter, *Conversations with Goethe in the Last Years of His Life* [S. M. Fuller, trad], Boston, Hilliard, Gray & Co., 1839, p. 371 – Conversação mantida na segunda-feira, 21 de fevereiro de 1832. (tradução própria)
- ²⁵ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke & Halsted, c. 1886, Canto X, p. 248.
- ²⁶ Livro de Daniel 5:25-28.
- ²⁷ Sousândrade, Joaquim de, *Harpas Eólias*, São Luís, B. de Mattos, 1870, p. 139-40.
- ²⁸ Sousândrade, Joaquim de, *Harpas Selvagens*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1857, pp. 21-22.
- ²⁹ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa, o Zac in O Guesa*, edição fac-similar promovida por Jomar Moraes, São Luís, 1979, p. 363 (estrofe 58).
- ³⁰ Sousândrade, Joaquim de, *Centelhas*, O Novo Brasil (São Luís), 15 de abril de 1889, p. 1. **in** Williams, Frederick G. e Jomar Moraes, *Sousândrade – Prosa*, São Luís, SIOGE, 1979, p. 68.
- ³¹ O cruzamento das duas últimas citações aporta um dado biográfico interessante: Sousândrade teria sido realmente “aspirante de Medicina” no Rio de Janeiro.
- ³² Defesa [na ed. londrina]
- ³³ Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, sem indicação de editor, 1877. pp. 245-46
- ³⁴ Ver, por exemplo, <http://www.newsday.com/community/guide/lihistory/ny-history-hs216a1v.0.957069.full.story> [última consulta em 15/05/2008]
- ³⁵ Carenar **in** *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete*, 3ª. ed. brasileira, Rio de Janeiro, Delta, 1974. v. 1.
- ³⁶ Houaiss, Antônio e Villar, Mauro de Salles, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- ³⁷ [Bruce, Wallace], *Legends and Poetry of the Hudson*, “Lendas e Poesia do Hudson”, New York, P.S. Wynkoop & Son, 1868. p. 54. Existe também uma versão fac-similar publicada por J.C. & A. L. Fawcett, Inc, Astoria, NY, s.d.
“... [O]ver the wide waters of Haverstraw and Tappan Zee she could be seen careening when night and storm wrapped the river in gloom and in the midst of the turmoil you could hear the Captain giving orders in good Low Dutch. Some suggested that if it really was a supernatural apparition, as there was every reason to believe, it might be Hendrick Hudson and his crew of the ‘Half Moon’ who, it was well known, had once run aground in the upper part of the river, in seeking a Northwest passage to China.”
- ³⁸ [Bruce, Wallace], *Legends and Poetry of the Hudson*, Nova Iorque, P.S. Wynkoop & Son, 1868. 18 cm, 87 p.
- ³⁹ Wallace Bruce (1844-1914), poeta, escritor, orador e conferencista norte-americano, conhecido também pelo pseudônimo de Thursty McQuill. Entre os autores sobre os quais escreveu contam-se Shakespeare, Scott, Burns, Irving e Bryant. Escreveu vários livros sobre o rio Hudson. No seu livro *The Hudson*, (1907) Bruce menciona que a sua primeira palestra foi proferida em 1868; o assunto foi *Lendas e Poesia do Hudson*, título da obra objeto desta nota, publicada em 1868.
- ⁴⁰ Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, sem indicação de editor, 1877. pp. 218.
- ⁴¹ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke and Halsted, c.1886, XII:326
- ⁴² Sousândrade, Joaquim de, *Harpas Selvagens in Obras Poéticas*, Nova Iorque, s. ed., 1874, p. 35
- ⁴³ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke and Halsted, c.1886. p. I:17
- ⁴⁴ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke and Halsted, c.1886. p. III:45.

- ⁴⁵ McQuill, Thursty, *The Hudson river and routes from New York to the White and Green mountains, Montreal, Lake George, Saratoga, Newport and Niagara Falls, New York*, 1872.
- ⁴⁶ “Wallace Bruce (1844-1914), também conhecido pelo pseudônimo de Thrusty [sic – Thursty] Mc Quill...” (Wallace Bruce (1844-1914), sometimes known by his pen name, Thursty McQuill) ... in Adams, Arthur G., *The Hudson River in Literature: An Anthology*, Albany, SUNY Press, 1980, p. 329.
- ⁴⁷ Ver, por exemplo, Bruce Wallace, *The Hudson, Three Centuries of History, Romance and Invention – Centennial Edition*, New York, Bryant Union Company, 1907.
- ⁴⁸ *But deep in the Northern forests, near some favorite haunt of the ‘Great Spirit,’ a fountain of what they termed ‘Fire Water,’ always clear and sparkling, bubbled from the ground...* in [Bruce, Wallace], *Legends and Poetry of the Hudson*, Nova Iorque, P.S. Wynkoop & Son, 1868. p. 11.
- ⁴⁹ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke and Halsted, c.1886, p. 209.
- ⁵⁰ Heckewelder, John, *History, Manners, and Customs of the Indian Nations*, Memoirs Historical Society of Pennsylvania, **12**:262, 1817.
- ⁵¹ ___ *The Romance of the Hudson (Primeira Parte)*, Harper's New Monthly Magazine (Nova Iorque), **52**(31):633, abril de 1876.
- ⁵² Berlitz, Charles, *As Línguas do Mundo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 164.
- ⁵³ Birss, John Howard, *Mannahatta*, American Speech, **9**(2):154-55, abril de 1934
- ⁵⁴ Tooker, William Wallace, *The Origin of the Name Manhattan*, Nova Iorque, Francis P. Harper, 1901, pp. 72-74.
- ⁵⁵ Sousândrade, Joaquim de, *Guesa Errante*, Nova Iorque, sem indicação de editor, 1877. pp. 218
- ⁵⁶ “the poetic meaning of the blue *Ontioras* or ‘Mountains of the Sky’.” in Bruce Wallace, *The Hudson, Three Centuries of History, Romance and Invention – Centennial Edition*, New York, Bryant Union Company, 1907, p. 13
- ⁵⁷ Sousândrade, Joaquim de, *O Guesa*, Londres, Cooke and Halsted, c.1886, XI:280.
- ⁵⁸ O’Callaghan E[dmund] B[ailey], *History of New Netherland, or New York Under the Dutch*, Vol. I, Nova Iorque, D. Appleton & Company, 1848 p. 104
- ⁵⁹ Brodhead, John Romeyn, *History of the State of New York – First Period 1609-1664*, Nova Iorque, Harper & Brothers, 1853, p. 164
- ⁶⁰ Sears, Robert, *New Pictorial Library, or Digest of General Knowledge*, Nova Iorque, Robert Sears, 1846, p. 365
- ⁶¹ O’Callaghan E. B. (Ed.), *Documents relative to the colonial history of the state of New York: procured in Holland, England and France, by John Romeyn Broadhead, Esq., Agent*. Vol I., Albany, Weed, Parsons and Company, 1856, p. xxxix, p. 37
- ⁶² Moulton, Joseph W., *History of the State of New-York, Part II – Novum Belgium*, New York, E. Bliss & E. White, 1826, p. 372
- ⁶³ Wolters, Willem G., *Managing Multiple Currencies with Units ff Account: Netherlands India 1600-1800*, XIV International Economic History Congress, Panel 61 Complementary relationships among monies in history, Helsinki, Finland, 21 to 25 August 2006. <http://www.complementarycurrency.org/ccLibrary/Wolters.pdf> [Última consulta em 21/05/2008]
- ⁶⁴ Lamb, Martha J, Mrs.; Harrison, Burton, Mrs., *History of the City of New York: its Origin, Rise, and Progress*, (3 vols.). Vol I, Nova Iorque, A. S. Barnes Company, 1877, 1880, 1896, p. 53.
- ⁶⁵ Wilson, James Grant, *The Memorial History of the City of New-York, From its First Settlement to the Year 1892*, Vol. 1, Nova Iorque, New-York History Company, 1892, pp 157-161
- ⁶⁶ Wilson, James Grant, *The Memorial History of the City of New-York, From its First Settlement to the Year 1892*, Vol. 1, Nova Iorque, New-York History Company, 1892, pp 158.
- ⁶⁷ Ver o excelente estudo do tratamento sousandradino do índio em Cuccagna, Cláudio, *A visão do ameríndio na obra de Sousândrade*, São Paulo, Hucitec, 2004.
- ⁶⁸ Wilson, James Grant, *The Memorial History of the City of New-York, From its First Settlement to the Year 1892*, Vol. 1, Nova Iorque, New-York History Company, 1892, pp 159.
- ⁶⁹ Wilson, James Grant, *The Memorial History of the City of New-York, From its First Settlement to the Year 1892*, Vol. 1, Nova Iorque, New-York History Company, 1892, pp 160.



- ⁷⁰ Cópia facsimilar da carta de Pieter Schaghen, [Última consulta em 22/05/2008]
<http://www.nnp.org/nnp/documents/images/schaghenletter.jpg>
- ⁷¹ Houaiss, Antônio; Villar, Mauro de Salles, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001. *Tirar*.
- ⁷² *The Compact Edition of the Oxford English Dictionary - Volume II P-Z*, Glasgow, Oxford University Press, 1971. *Yea*, (acepção 4.)
- ⁷³ Campos, Augusto de; Campos Haroldo de, *Re visão de Sousândrade* (3ª ed), São Paulo, Perspectiva, 2002.
- ⁷⁴ Lobo, Luíza, *Épica e Modernidade em Sousândrade* (2ª ed.), Rio de Janeiro, 7Letras, 2005.
- ⁷⁵ Duarte, Sebastião Moreira, *Épica americana: O Guesa de Sousândrade e o Canto general, de Pablo Neruda*, Urbana, Illinois, 1993. Tese de doutorado.
- ⁷⁶ qorpo santo (José Joaquim de Campos Leão), *a reforma da ortografia*, Revista Confraria – arte e literatura, nº 3, jul/ago 2005. <http://www.confrariadovento.com/revita/numero3/ensaio03.htm> [última consulta em 25/05/2008]

